

SIGNO, SUJEITO E TRADUÇÃO

Márcia Atália Pietrolungo

Pensar uma ética da tradução supõe colocar em causa o *sujeito* e sua *teoria da linguagem*. Como salienta o linguista, poeta, tradutor, crítico e ensaísta francês Henri Meschonnic (2007), “o sujeito é escrito pelo que escreve, traduzido pelo que traduz” (1973). Como à linguagem só temos acesso através de suas representações, das representações que fazemos e que dela são feitas, é forçoso refletir sobre a ética que rege o traduzir, ética a partir da qual desponta o sujeito-tradutor.

Segundo o crítico, desde sempre, a representação maciçamente dominante sobre a linguagem se fundamenta na *teoria do signo* que, de tão onipresente, passa por ser a própria natureza da linguagem, seu funcionamento e sua descrição. Além do *paradigma linguístico* propriamente dito, amplamente ancorado nos estudos da linguagem, que reduz todas as relações ao binário, a teoria do signo abarca cinco outros paradigmas: o *paradigma filosófico* que opõe as palavras às coisas; o *paradigma antropológico* que opõe a voz ao escrito, o espírito à letra; o *paradigma teológico*, onde não há apenas a separação de uma forma e de um conteúdo, mas a prevalência de um significado que acaba por passar pelo todo; o *paradigma social*, fundado na oposição entre indivíduo e sociedade; e, finalmente, o *paradigma político* que opõe a minoria à maioria (2007).

Uma das questões capitais que envolvem a problemática do signo é a leitura que o estruturalismo fez da obra de Saussure. Leitura avassaladoramente predominante que, segundo Meschonnic, se assenta em nove contra-sensos (2007: 51-52) que, em verdade, revelam que o estruturalismo se opõe a Saussure. São eles:

1. Em Saussure, a noção de *sistema* é uma noção eminentemente dinâmica. O estruturalismo a lê como *estrutura*, enfatizando um caráter formal e a-histórico;
2. Saussure afirma a primazia do ponto de vista, ao passo que o estruturalismo propõe uma descrição da natureza da linguagem;
3. Em Saussure, a teoria da linguagem tem uma sistematicidade inteiramente dedutiva, o estruturalismo, por sua vez, faz ciências descritivas da linguagem;

4. Língua e fala em Saussure são pensadas como discurso, enquanto o estruturalismo as pensa dicotomicamente.
5. A teoria da linguagem saussuriana postula uma poética, contrariamente à perspectiva que vê o linguista antagonicamente, não sabendo como articular o Saussure do *Curso* (Saussure, 1972) ao Saussure dos *Anagramas* (Starobinski, 1971).
6. Em Saussure, o associativo é múltiplo e se opõe ao sintagma; no estruturalismo, há uma oposição binária entre o paradigma e o sintagma;
7. Para o linguista, o signo radicalmente arbitrário se funda numa historicidade radical; no estruturalismo, o arbitrário é lido como convencionalismo;
8. Em Saussure, sincronia e diacronia são solidárias, fazem parte de uma única história em movimento; para o estruturalismo, há uma oposição estanque entre sincronia como estado atual da língua e diacronia como movimento da história;
9. Enquanto Saussure fundamenta sua crítica nas divisões tradicionais do léxico, da sintaxe, da morfologia, no estruturalismo, o que predomina é o pensamento dicotômico do signo, o descontínuo.

Fundamentando-se numa outra leitura de Saussure, reiterada pelo *Écrits de linguistique générale*, publicado em 2002, Meschonnic propõe que se parta da ideia saussuriana de que da linguagem só se tem pontos de vista, e de que a cada um desses pontos de vista só se terá acesso estudando-se e compreendendo-se sua sistematicidade interna. O que essa obra, veio revelar é que para Saussure, antes mesmo de Émile Benveniste, há o primado do discurso. O que o coloca, segundo Meschonnic (2008: 474), na continuidade do pensamento de Humboldt para quem as palavras advêm do discurso e não o contrário. Por outro lado, o conceito de sistematicidade em Saussure o aproxima da *concatenatio* de Spinoza (Meschonnic, 2008: 476).

Além de Saussure, há três autores — Humboldt, Benveniste e Spinoza — em cujo pensamento, ou melhor, em cuja invenção do pensar, Meschonnic se funda para elaborar sua ética do contínuo, do ritmo, do poema, em ferrenha oposição à lógica binária redutora do signo, tal como preconizada pelo estruturalismo.

Meschonnic salienta que, em Wilhelm von Humboldt, há uma solidariedade entre poesia e prosa, língua e fala; há a predominância do discurso e do sentido da

linguagem, seu *Sprachsinn*, e não o sentido das palavras, que é do âmbito do signo e suas representações:

A especificidade das ciências sociais é tributária de Humboldt. Mas o problema é um problema poético, no sentido em que para ouvir e dar a ouvir o fazer e a força do dizer e não apenas o sentido do que é dito, é preciso concatenar toda a semântica serial do texto, o encadeamento dos ritmos, a força. Pela linguagem é uma poética da sociedade. Mas pensar Humboldt é também pensar Saussure [...] É preciso reconhecer a continuidade Humboldt-Saussure, e o corte entre Saussure e o estruturalismo. (Meschonnic, 2008: 183)

Emile Benveniste (1966), por sua vez, é responsável, segundo o crítico, por uma das maiores revoluções do pensamento sobre a linguagem no século XX: o conceito de discurso. Meschonnic reitera que “pensar é primeiramente *inventar* o pensamento, transformar o pensamento” (2008: 189), o que Benveniste efetivamente faz:

Ter ligado como ele fez o sujeito, a enunciação, a linguagem e a língua, fez da posição teórica de Benveniste a única que, da linguística, dialogou com a filosofia. Quer dizer criticou a filosofia [...]

O sujeito é sua própria enunciação, sua historicidade, sua temporalidade [...] A partir de “é na e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito”, não poderia haver mais teoria da linguagem sem teoria do sujeito, nem teoria do sujeito sem teoria da linguagem. Donde a necessidade de uma crítica do sujeito. (Meschonnic, 2008: 379-380)

Meschonnic (2008: 361) chama atenção para o fato de que a visão que atribui a Benveniste assim como a Saussure uma posição estruturalista é completamente equivocada. Para o teórico, Benveniste é o único a reforçar o pensamento de Saussure sobre a sistematicidade. O conceito de estrutura na obra de Benveniste não é do mesmo âmbito do que aquele da linhagem estruturalista.

Para Meschonnic, antes de tudo, é preciso buscar “um pensamento da sistematicidade interna do que significa pensar, no sentido em que pensar é necessariamente pensar a linguagem, e pensar a interação entre o que significa pensar a linguagem e pensar o que se chama viver” (2007: 23). Para tal, ele tem em Baruch Spinoza um de seus grandes apoios, particularmente no *Tratado político*, onde o filósofo define a vida humana pela razão, pela verdadeira virtude e pela vida do Espírito.

Trata-se segundo o ensaísta de pensar a ética como o lugar por excelência, onde há uma solidariedade entre a linguagem e a vida, onde teoria da linguagem e ética estão em estreita relação:

É o que está em jogo ao pensar Spinoza. Pensar o contínuo corpo-linguagem, linguagem-poema-ética-política. Uma invenção de pensamento como um poema do pensamento. Exigindo a seu turno um pensamento da linguagem que transforme as relações com a ética e o político. Spinoza é o lugar desse desafio. Contra o lado Descartes que continua a prevalecer. (Meschonnic, 2002, contracapa)

Tais perspectivas contribuem para desvelar a ilusão do signo e seus efeitos de representação e para se fundar uma nova representação da linguagem sobre o ritmo, o contínuo, com nova coerência e sistematicidade interna.

O ritmo é concebido como organização do movimento da palavra (*parole*) na linguagem e na escrita do poema. Distancia-se aqui inteiramente do ritmo, em sua acepção tradicional solidária do signo, como alternância de um mesmo e de um diferente. A partir de então, dois efeitos se fazem ouvir: “Um é transformar a noção da oralidade: no signo, o oral se opõe ao escrito; no contínuo, a oralidade é do sujeito que se ouve. O falado se opõe ao escrito” (Meschonnic, 2007: 53).

Ao tomar de empréstimo a Saussure a expressão *teoria da linguagem*, Meschonnic insiste sobre a necessidade de uma reflexão sempre em movimento sobre as concepções e práticas da linguagem nas diversas práticas sociais. Contra o *sentido das palavras*, fundado na representação dominante do signo, e pelo *sentido da linguagem*, expressão que Meschonnic desta vez retoma de Humboldt, o linguista põe em evidência as relações entre língua e discurso, língua e literatura, entre língua e pensamento, língua e sociedade, entre a língua e a ética, a poética e a política.

A experiência do pensamento implicada no *sentido da linguagem* supõe “o pensamento do que é uma língua, do que *pode* uma língua e do que é sua relação com um pensamento, do que faz a coisa literária, do que é uma cultura, do que é a questão dos sujeitos” (Meschonnic, 2008: 188).

No que tange ao campo dos Estudos da Tradução, o teórico enfaticamente sustenta que sempre se traduziu do signo, seja visando ao conteúdo, seja visando à forma, seja visando à língua de chegada, seja visando à língua-fonte, *ciblistes* ou *sourciers*, a mudança de terminologia não aponta para uma mudança efetiva de comportamento na medida em que ambos circulam e se inserem na lógica do binário, do descontínuo, na lógica do signo.

Dentre as práticas correntes de tradução do signo, Meschonnic (2007) observa duas direções, ambas nefastas para o trabalho da tradução. A primeira, fundamentada na tradutologia, concebe o traduzir como uma hermenêutica, cujas consequências levam a reduzir o poema à dimensão da verdade ou do sentido. E o sentido se circunscreve inteiramente no âmbito do pensamento do signo. Outro problema é a dimensão psicologizante da hermenêutica aplicada à tradução, que leva a questões como fidelidade e traição, e “que confunde o traduzir com a metalinguagem, a possibilidade do falar da linguagem, acabando por constatar que apesar de tudo a tradução sempre existiu.

Nessa perspectiva, a questão que se coloca é que a teoria do signo se revela um grande obstáculo epistemológico para se pensar a ética, a poética e a política do traduzir: “O signo é uma teoria que, por sua compartimentação, é incapaz de pensar o contínuo corpo-linguagem, o contínuo linguagem-poema-ética-política” (2007).

Contrariamente ao pensamento do signo que se estrutura em torno de tecnicidades para os linguistas, o pensamento do contínuo, do poema, centrado na força e no afeto, se sustenta numa sistematicidade que se estrutura em um trabalho nas cadeias do significante. As figuras do significante organizam o texto da menor à maior unidade. Elas constituem um sistema que se constrói na ambivalência de lógicas antagônicas. Elas se dão como contradição entre a lógica do significante e a lógica do signo; entre texto de partida e texto de chegada; entre reforço do Mesmo ou emanção do Outro.

A *energia* e a *força* são valores fundamentais do sistema. A *energeia* de Humboldt exige o ritmo, o contínuo do movimento. A força é o contínuo da significância, a invenção de uma radical historicidade:

A força é o contínuo duplo entre uma língua e a invenção de um pensamento nessa língua, entre o máximo de afeto no pensamento e a invenção desse pensamento. Então o afeto, longe de se opor ao pensamento, como se crê habitualmente, é inseparável deste, e é mesmo talvez sua condição.

Pelo que, se há um tal pensamento a traduzir, um tal sistema de discurso, é esse contínuo que se deve traduzir, transpor, refazer, sem o que só resta na tradução um enunciado, ou seja, uma sequência de palavras cujo sentido não figura mais. Como um dicionário. (Meschonnic, 2008: 234)

Como só há poema se há uma ética do poema, só há ética do traduzir na escuta “não do que diz, mas do que faz um poema, e que arrasta em seu movimento o que ele diz. [...]” (2007: 33). Para Meschonnic, a ética da linguagem não deve ser concebida

como responsabilidade social. Não se trata de uma moral, ela é antes aquilo que faz sujeito. A ética é por ele definida

[...] como a busca de um sujeito que se esforça em se constituir como sujeito por sua atividade, mas uma atividade tal que é sujeito aquele por quem um outro é sujeito. E nesse sentido, como ser de linguagem, esse sujeito é inseparavelmente ético e poético. É na medida dessa solidariedade que a ética da linguagem concerne a todos os seres de linguagem, cidadãos da humanidade, e é nisso que a ética é política.

A poética também é uma ética, uma vez que um poema é um ato ético, pois ele transforma o sujeito, aquele que escreve e aquele que lê. Através do que ele transforma também todos os outros sujeitos, do sujeito filosófico ao sujeito freudiano. (2007: 8)

Em *Política do ritmo, política do sujeito* (1995: 189-191), Meschonnic coloca em evidência a necessidade de uma *poética do sujeito* que congregue teoria da linguagem e teoria do sujeito. O sujeito de que se trata não é o sujeito voluntário da psicologia, não é tampouco o não-sujeito da psicanálise, não é o sujeito da filosofia kantiana, centrado na consciência, muito menos o sujeito da hermenêutica heideggeriana. O sujeito, tal como concebido por Meschonnic, também se distancia do sujeito saussuriano com seu inconsciente linguístico e do sujeito da enunciação, sujeito do discurso na linhagem de Benveniste.

A sistematicidade do contínuo impõe a revisão da *questão do sujeito*, que Meschonnic (2007: 95-97) desmembra e vai enumerando em cascata: sujeito filosófico, sujeito psicológico, sujeito do conhecimento das coisas e da dominação das coisas, sujeito do conhecimento dos outros e da dominação dos outros, sujeito da ciência e da técnica, sujeito da felicidade, sujeito do direito, sujeito da história, sujeito do discurso, sujeito freudiano.

Nenhum desses sujeitos, cada qual comprometido com sua especificidade e com os limites de seu olhar, seria capaz de escrever um poema. O que leva Meschonnic a postular o *sujeito do poema* e a afirmar:

E não é o autor, essa noção psicológico-jurídica, nem o indivíduo a quem se dá um tapa no ombro, o que entendo por isso é a subjetivação máxima de um sistema de discurso, que faz com que a oralidade não seja mais do sonoro. É do sujeito que se ouve. É do sujeito que é trabalhado, transformado. A invenção de uma especificidade e de uma historicidade.

A partir daí, é esse sujeito que se deve traduzir e fazer ouvir. (2007: 97)

O sujeito do poema é, assim, a subjetivação máxima, integral de um discurso. Meschonnic ilustra belamente essa subjetivação e sua sistematicidade citando o poeta e

escritor Charles Péguy (1968: 1034), quando este, em sua obra *Un nouveau théologien, M. Fernand Laudet*, ressaltava: “Está assinado no tecido mesmo. Não há um fio do texto que não esteja assinado”.

Interessante ressaltar que o poema é por ele definido como compreendendo todos os gêneros literários, as artes da linguagem, e igualmente o que chama “a arte do pensamento, que faz um poema do pensamento” (Meschonnic, 2007: 28). Assim, sujeito do poema e sujeito da tradução se encontram inteiramente imbricados na medida em que cabe ao segundo escutar e traduzir aquilo que um poema faz.

A teoria e as práticas de tradução, fundando-se na tradução de um sistema de discurso para outro sistema de discurso, devem ter como base que “o reconhecimento da identidade pela alteridade supõe o da identidade como pluralidade interna e como história, não como natureza” (Meschonnic, 2008: 213).

“Se a tradução de um texto é texto, ela é a escrita de uma leitura-escrita, aventura pessoal e não transparência, constituição de uma linguagem-sistema bem como aquilo que se chama obra original” (1983: 354). Nesse sentido, traduzir um poema é escrever um poema (1983: 355).

Problematizando a tensão entre o signo e o poema, levando à conscientização dos impasses do primeiro, o tradutor deve buscar liberar-se dos clichês vigentes sobre língua, linguagem, discurso, literatura e poesia para transformar seu fazer na aventura de uma escrita historicizada, constituindo uma linguagem-sistema fundada no contínuo, no ritmo.

Para Meschonnic (2007: 43-44), a questão fundamental da tradução se funda na indissociabilidade entre teoria e prática. Toda prática encerra em si uma teoria da linguagem, desvela suas representações. Toda teoria que não refletisse a partir de sua prática se revelaria uma linguística da língua aplicada sobre o discurso. Por ser uma poética experimental, a tradução ocupa um lugar único no âmbito das teorias da linguagem. A variação operada sobre um mesmo texto a traduzir ao longo das épocas e dos diversos espaços desvela não apenas as diferentes concepções sobre a linguagem, mas também a variedade de representações sobre o literário.

Tais reflexões levam Meschonnic a afirmar categoricamente que:

Se nos colocamos no descontínuo do signo linguístico para traduzirmos um poema, não traduzimos o poema, traduzimos apenas de uma língua numa outra língua. Disso resulta que toda a teoria da linguagem depende de sua teoria da literatura, que toda tradução depende de sua teoria da linguagem, que toda teoria da linguagem depende de sua teoria

do ritmo, que o descontínuo depende do contínuo, logo, que toda a teoria da linguagem depende de sua teoria e de sua prática da tradução, bem como a tradução depende de sua teoria da linguagem. O que, de imediato, mostra o papel maior da tradução para toda a representação da linguagem, e da sociedade, como toda sociedade depende de sua representação da linguagem e é revelada por ela. A tradução é aquilo que está em jogo para uma verdadeira revolução cultural. (2007: 37)

Bibliografia

- BENVENISTE, Émile (1966) *Problèmes de linguistique générale 1*. Paris: Gallimard.
- MESCHONNIC, Henri (1970) *Les Cinq Rouleaux (Le Chant des chants, Ruth, Comme ou les Lamentations, Paroles du sage, Esther)*, traduit de l'hébreu. Paris: Gallimard.
- _____ (1973) *Pour la poétique II. Épistémologie de l'écriture*. Poétique de la traduction. Paris: Gallimard.
- _____ (1975) *Le signe et le poème*. Paris: Gallimard.
- _____ (1978) *Poésie sans réponse*. Pour la Poétique V. Paris: Gallimard.
- _____ (1981) *Jona et le signifiant errant*. Paris: Gallimard.
- _____ (1982) *Critique du rythme. Anthropologie historique du langage*. Paris: Verdier.
- _____ (1991) *Des mots et des mondes*. Dictionnaires Encyclopédies Grammaires Nomenclatures. Paris: Hatier.
- _____ (1995) *Politique du rythme, politique du sujet*. Paris: Verdier.
- _____ (1999) *Poétique du traduire*. Paris: Verdier.
- _____ (2002) *Spinoza poème de la pensée*. Paris: Maisonneuve & Larose.
- _____ (2004) *Un coup de Bible dans la philosophie*. Paris: Bayard.
- _____ (2007) *Éthique et politique du traduire*. Paris: Verdier.
- _____ (2008) *Dans le bois de la langue*. Paris: Éditions Laurence Teper.
- PÉGUY, Charles (1968) *Un nouveau théologien, M. Fernand Laudet Oeuvres en prose 1909-1914*. Paris: Gallimard-Pléiade.
- SAUSSURE, Ferdinand de (1972) *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot.
- _____ (2002) *Écrits de linguistique générale*. Paris: Gallimard.
- STAROBINSKI, Jean (1971) *Les mots sous les mots. Les anagrammes de Ferdinand de Saussure*. Paris: Gallimard.